



IMAGENS PERFEITAS: Emblemas dos Leões. Enciclopédia de poderes no Palácio dos Leões, sede do Governo do Estado do Maranhão¹

IMAGE PERFECT: Lions Emblems. Encyclopedia of powers at the Palácio dos Leões, seat of the Government of the State of Maranhão

IMAGEN PERFECTA: emblemas de leones. Enciclopedia de poderes en el Palácio dos Leões, sede del Gobierno del Estado de Maranhão

Edimilson Moreira Rodrigues

Graduado em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (2001). Mestrado em Políticas Públicas pela mesma Universidade, com dissertação sobre o PROLER no Maranhão (2008); Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense -UFF-Niterói-RJ, com tese sobre duas traduções do dom Quixote, de Miguel de Cervantes, para o português (2017); Pós-doutorado em Literatura Espanhola dos Séculos VI e XVII, com pesquisa no Grupo de Investigación Siglo de Oro - GRISO, da Universidad de Navarra -Espanha (2017). Líder do AXOLOTL/UFMA – CNPQ - FAPEMA.

E-mail: em.rodrigues@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1404-4381>

Maria Cristina Trindade Guerreiro Osswald

Licenciatura en Historia -Variante de Historiade Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Curso superior de lengua y cultura italianas, Istituto Dante Alighieri, Porto. Maestrazgo en Historia deArte. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de História de Arte. PhD em Historia y Civilización -Instituto Universitario Europeo, Florencia, con la tesis Jesuit Art in Goa between 1542 and 1655: From Modo Nostro to Modo Goano.

E-mail: osswaldcristina@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0956-9514>

RESUMO

Este trabalho compara, cinco emblemas de leões da obra de Andrea Alciato, *Emblemas* (1975), cujos lemas ou motes (*inscriptio*) são: *Que aun los ferocísimos se doman* (p.54), *Qu`el Amor es affecto potentíssimo* (p.57); *A moro muerto gran lanzada* (p.112); *El provecho del daño ageno* (p. 197); *La vigilancia y la guarda* (p.246), com os do Palácio dos Leões, como enciclopédia de poderes, confirmante da categoria “Luso-tropicalismo” criada por Gilberto Freyre, desde a obra “O mundo que o Português Criou” (1940), de interpenetrações emblemáticas, na sede do Governo do Estado do Maranhão.

¹ Esse trabalho é contributo de nosso Projeto de Pesquisa de Pós-doutorado em vigência na Universidade do Porto, Portugal: **Estética de persuasão: Palácio dos Leões patrimônio de emblemas portugueses em São Luís, capital do Estado do Maranhão**, sob a orientação da Professora Dra. Cristina Osswald, do CITCEM: Centro de Investigação Transdisciplinar em Cultura, Espaço e Memória. Projeto de bolsa com financiamento da Fundação de Ampara à Pesquisa no Estado do Maranhão – FAPEMA.



Palavras-chave: Emblema, literatura, Palácio dos Leões.

ABSTRACT

This work compares five emblems of lions from Andrea Alciato's work, *Emblemas* (1975), whose mottos (inscriptio) are: *Que aun los ferocísimos se doman* (p.54), *Qu`el Amor es affecto potentíssimo* (p.54), *Qu`el Amor es affecto potentíssimo* (p.57); *A moro muerto gran lanzada* (p.112); *El provencho del daño ageno* (p. 197); *La vigilancia y laguarda* (p.246), with those from Palácio dos Leões, as an encyclopedia of powers, confirming the category "Luso-tropicalism" created by Gilberto Freyre, since the work "O mundo que o Português created" (1940), of emblematic interpenetrations, in the seat of the Government of the State of Maranhão.

Keywords: Emblem, literature, Palace of the Lions.

RESUMEN

Este trabajo compara cinco leones emblemas de la obra de Andrea Alciato, *Emblemas* (1975), cuyos lemas o lemas (inscriptio) son: *Que aun los ferocísimos se doman* (p. 54), *Qu`el Amor es effecto potentíssimo* (p. 57); *A moro muerto gran lanzada* (p.112); *El provecho del daño agente* (p. 197); *La vigilancia y laguarda* (p.246), con las del Palácio dos Leões, a modo de enciclopedia de poderes, confirmando la categoría "lusotropicalismo" creada por Gilberto Freyre, a partir de la obra "O mundo que o Português Criou" (1940), con interpenetraciones emblemáticas, en la sede del Gobierno del Estado de Maranhão.

Palabras clave: Emblema, literatura, Palacio de los Leones.

INTRODUÇÃO

Que é fraqueza entre ovelhas ser leão. (I, 68)

Luís de Camões

Vários estudiosos são acordes em reconhecer que o estudo do emblema é uma expressão importante na vida cultural do Renascimento e do Barroco, posto que, como diz Vistarini (1999), tais estudos são "reflejo de una panoplia de intereses que van desde la guerra al amor, de la religión a la filosofía y la política, de las ciencias al ocultismo, de los valores sociales a los saberes enciclopédicos, y de la especulación seria al entretenimiento" (1999, p. 07). Somando-se ao saber da especulação, este texto amplia os limites históricos: Renascimento e Barroco, visto que o cenário do tema é muito anterior à vida cultural do homem ludovicense e, por isso, no panorama dos interesses políticos o tema se enquadra como parte da "panoplia" de que fala o estudioso.

Demarcando o plano de interesse político dos emblemas que, na capital São Luís do Maranhão, são objetos de ornamentos de móveis, tapeçaria, porcelanas e obras de artes do





Palácio dos Leões, herança das conquistas transoceânicas do século dezessete.

Nossas comparações nesta análise, dar-se-ão entre áreas distintas: imagens pictóricas e literárias com imagens escultóricas; porém, enquanto resultado da produção artística, ambas as artes são acordes no projeto maior da cultura renascentista do homem ibérico ao chegar nas colônias, pois traziam, as artes, no seu bojo, a estratégia política e colonial de dominação através de elementos simbólicos. E o livro² e a espada, claro, como outros elementos, eram um desses objetos. Como observamos no emblema de Sebastián Covarrubias Horozco (Cent. 2, emb.: 22, 1610): *Tu vince loquendo*: (Tu vences en lenguaje). No comentário de Vistarini e Cull (1999, p.485) lemos: “Para significar la violencia y fuerza (sic) que suelen hacer los militares que no respetan razón, leyes, ni justicia, se figura un libro atravesado con una espada”. E mais: Vale o destaque de uma imagem dual, visto que no emblema de Juan de Borja (1680): *Sine gratia, et metu*: (Sin gracia y sin miedo), o livro é, emblematicamente, descrito como “conselheiro morto”; nesse emblema temos a imagem de dois livros de pé encima de um terceiro, maior, em posição horizontal. Apresentando, pois, esse emblema dois elementos emblemáticos. O livro e o número três que, como dizem Chevalier e Gheerbrant (1999, p.899) “O três é um número fundamental universalmente. Exprime uma ordem intelectual e espiritual, em Deus, no cosmo ou no homem. Sintetiza a triunidade do ser vivo ou resulta da conjunção de 1 e de 2, produzido, neste caso, da *União do Céu e da terra*”. Vale ainda, o comentário para o significado do livro por concatenar o que dissemos da dualidade da imagem emblemática: o

² Para um estudo mais aprofundado da categoria livro, no campo da emblemática, indicamos o estudo de Vistarini e Cull (1999, pp. 485 e 486) que apresenta uma soma de três emblemas com imagens de livros, com as seguintes descrições: A) Debajo de una corona real, un libro abierto cuya página izquierda lleva el encabezamiento *Cor Regis* (corazón del rey); Autor: Francisco Gómez de la Reguera (1632). B) Libro atravesado por una espada; Autor: Sebastián de Covarrubias Horozco (1610). *Tu vince loquendo*: (Tu vences en lenguaje). Suo antecedente literário é Ovidio, *Metamorfose*, libro 9,30: dummodo pugnando superem, *tu vince loquendo*... Vistarini e Cull (1999, p.485). C) 2 Libros de pie encima de un tercer libro, mayor, en posición horizontal. Na obra de Vistarini e Cull, no tangente ao livro, observamos ainda, cinco fontes onde aparecem a palavra livro na composição do corpo e alma do emblema, desta vez nas páginas: (209 e 210; 312, 316, 514, 711). Uma contribuição nossa, sobre o tema do livro na emblemática, ainda que singela, visto que não consta na *Enciclopedia de Emblemas Españoles ilustrados*, de Vistarini e Cull (1999), é o Emblema XXIV da obra *Príncipe Perfeito*, de João de Solórzano (1662), organizada e editada pela pesquisadora Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto (1985), cujo manuscrito se encontra sob o abrigo da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, (cota I-14-1-11). No lema daquele emblema: *Deus quos erigiti, dirigit*. E na primeira estrofe do sexteto: *Erudit ingenuas Regnandi Iuppiter arte*. A imagem: Há cinco monarcas com suas coroas e, dividindo-os, temos um no meio da cena, à frente dos demais, com o livro sobre o colo, segurando-o com a mão esquerda e com os dedos da mão direita aponta a página; ao lado deste monarca outros dois, do lado esquerdo e direito, seguram os seus livros; depois destes, outros os observam, sem livro algum. O destaque para este livro, é, também, sua importância no tangente ao colorido das imagens, o que nos ocupa um outro estudo: Rodrigues e Osswald (2018), O cromatismo de “*Príncipe Perfeito. Emblemas de D. João de Solórzano. Parafraseados em Sonetos portugueses, e oferecidos ao Serenissimo Senhor D. JOAO Principe do Brasil. Pelo Baxarel Francisco Antonio de Novaes Campos. Anno 1790*”.



livro e o número três. “Seria banal dizer que o livro é símbolo da ciência e da sabedoria; o que ele é efetivamente, por exemplo, na arte decorativa vietnamita ou na imagem ocidental do *leão bibliófilo*” Chevalier e Gheerbrant (1999, p.554).

E a simbologia do leão foi, tão logo, absorvida e plasmada pelo colonizado, muito próximo do imaginário que encontramos no comentário de Vistarini e Cull (1999, p.474) acerca do emblema de Diogo de Saavedra Fajardo (1642): *Ut sciat regnare* (para que sepa reinar). “No hay virtud moral que no se halle en los animales... en esta empresa deseo que (el príncipe) tenga valor. Ocasión hay en que es menester que se revista de la piel del león, y que sus vasallos y sus enemigos le vean con garras...”

Breve definição de Emblema

O que nos propomos, nesta definição, é destacar, em breves citações, alguns posicionamentos de teóricos sobre a importância e o significado do emblema, tanto para os estudos literários, bem como de sua importância para o diálogo entre as artes. E como estas definições nos amparam para justificar o sentido maior desta pesquisa: comparar os cinco emblemas de leões da obra de Andrea Alciato com informações de outros emblemas de autores e obras diversas, importante destacar como alguns estudiosos da temática conceitualizam emblema para entendermos a função de seus componentes icônicos e verbais.

Entendemos, pues, por “emblema” un proceso semiótico de carácter sincrético en el que se hallan necesariamente vinculados una imagen visual, un mote o inscripción lacónica y sentenciosa y un epigrama (que puede afectar la forma de soneto, octava real o, incluso, de una prosa cuando se trata de textos escritos en lenguas modernas, el cual toma a su cargo la explicitación de los contenidos semánticos de las “cosas” figurativamente representadas. A la misma familia de textos icónico-verbales pertenecen también el jeroglífico, que se reduce a una figura o secuencia arbitraria de figuras, y la empresa, o divisa, que consta de imagen y mote pero carece de epigrama (BUXÓ, 1994, pp. 31 e 32).

A pesquisadora Tesende (2000), no seu *Diccionario de términos literários*, afirma que o emblema é uma “Composición de un simbólico que encierra una idea de sentido moral, político, social..., y un lema, con el propósito de captar los ánimos mediante representaciones gráficas. El emblema o la empresa (ésta de carácter más abstracta y particular, aunque acabaron confundiéndose) está formado por tres partes: un cuerpo, que es la figura o imagen (*pictura*), un título, lema o mote (*inscriptio*), y una explicación (*suscriptio*), a veces en verso. (...) Muchas



obras barrocas, especialmente algunas de Quevedo y las de Gracián, están influenciadas por la literatura emblemática” Tesende (2000, p. 246).

Segundo informações da Real Academia Espanhola emblema é “Término de origen griego (*emblema*: incrustación, símbolo) con el que se designa un “jeroglífico”, símbolo o emblema en que se representa alguna figura, y al pie de la cual se escribe algún verso o lema que declara el concepto o moralidad que encierra” (DRAE).

No *Diccionario de Términos Literarios* de Calderón (2015) encontramos a seguinte definição:

El emblema consta de tres elementos: una imagen o figura (*pictura*), un título en forma de breve sentencia (*inscriptio*) y una explicación más amplia del contenido implícito en la imagen y en el título (*suscriptio*). El tema o sentencia recoge, a veces, un adagio o refrán, como sucede en los citados *Emblemas morales* de Sebastián de Covarrubias, con lo que se evidencia la relación existente entre los emblemas y la literatura de la que se sirven y a la que nutren (CALDERÓN, 2015, pp. 158 e 159).

Utilizemos as palavras de Arellano e Olleta in Arellano e Pereira (2010, p. 27) para destacar a importância desta manifestação nas artes e literatura do Século de Ouro. Pois, “Como es conocido, la expresión emblemática se rastrea en el humanismo y barroco y alcanza gran desarrollo, proliferando en multitud de libros especializados de emblemas, empresas y jeroglíficos”.

Ainda podemos acrescentar que a esta breve definição do emblema, há um teor de sentido que amplia e abre leques para qualquer outra pesquisa, pois como nos orienta Bouzy in Arellano e Pereira (2010, p.127) o estudo da emblemática nos oferece “algunos fundamentos esenciales del excepcional modo modo expresivo icónico textual que fue el emblema a lo largo de sus dos siglos de existência”.

O que nos proporciona seguir investigando o gênero à busca de novas áreas de relações que possam permitir redescobrir esse manancial significativo como “una autentica marca de identidad genética inherente a la expresión emblemática, más particularmente en los libros de emblemas ibéricos” Bouzy in Arellano e Pereira (2010, p.127). Segundo Lizardo na obra – El humanismo de Alciato ante su espejo: los comentarios de Diego López al *Emblematum liber*. “La misma etimología del término alude a su carácter híbrido: proveniente del griego, emblema en latín “significa aquello que se inserta o incluye como ornamento de otra cosa, tal como ocurre con los taraceados, los mosaicos, los bordados de la ropa o los relieves aplicados sobre otra materia, por ejemplo, las efigies doradas que se fijan en los vasos de plata”.



Tais informações, ainda que longas, nos servem como amparo ao conhecimento sobre o significado deste instrumento de saber tão importante e oportuno aos estudiosos brasileiros.

LOS “EMBLEMATA” APARECIMENTO E DIFUSÃO

É sabido que o emblema, dentro dos tratados filosóficos de “regimentos de príncipes” tem seu período áureo no Séc. XVI, constituindo-se, tão logo, numa forma de literatura moralizadora que, durante mais de três séculos manteve sua atenção entre autores e leitores que o tinham como uma espécie de súpula de saberes, simbolizando a soma das possibilidades de descobertas e aprendizagens do período, no campo da pintura, gravados, escultura, numismática, poesia, história, religião, lendas, fábulas, pedagogia. Quanto ao aparecimento do livro de emblema, Ureña Prieto (1985) nos orienta que, “Em 1419, chegou a Florença, levado pelo Padre Cristóvão Buondelmonti, um manuscrito grego, impresso pela primeira vez em Veneza por Aldo Manucio, em 1550, traduzido para o latim com o título de *Heroglyphica Horapoli* e traduzido posteriormente para várias línguas modernas” (UREÑA PRIETO, 1985, p. 51).

É ainda a autora acima citada quem nos informa do escol restrito de leitores das obras de emblema do período áureo. “Autores e leitores pretendiam, a princípio, ostentar e exercitar o seu talento na invenção ou na decifração de enigmas e pensamento engenhosos só acessíveis a um escol restrito e muito culto” (UREÑA PRIETO, 1985, p. 51).

Muitas obras, como a de Alciato (*Emblematum Liber* (1531)), foram constantemente renovadas, ampliadas, copiladas por necessidades da época, bem como pela importância e valor. Pois, “el que posea la primera edición sólo posea una parte de un total formado al pasar los años por innúmeros retoques y nuevos emblemas añadidos en las sucesivas ediciones” Vallejo in Soria (1975, p. 15).

Munguía, ao prologar a obra *Los Emblemas de Alciato*, editada por Zafra (2003) nos demonstra o valor e êxito espetacular, alcançados nos séculos XVI e XVII da obra, assim como o número de edições inspirada na primeira publicação do *Emblematum libellus*.

Durante una época rica en obras decisivas para la cultura, apareció un volumen titulado *Los emblemas de Alciato traducidas en rimas españolas, versión castellana de la que podemos considerar una de las obra más influyentes del Renacimiento. El*



Emblematum liber Alciatii dejó huellas en casi todos los campos del saber y del arte de su tiempo y de posteriores centurias. No sólo número de ediciones que se sucedieron durante los siglos XVI y XVII, cerca de 150, da prueba de ello” Munguía in Zafra (2003, p. 05).

Para confirmar o que disse Gainza e Arellano na apresentação da obra *Emblemata Aurea* (2000): “La atención que a los estudios viene reclamando cada día con más fuerza el mundo inacabable de la emblemática, y la densidad de su presencia en la literatura del Siglo de Oro, foi o que nos levou a elaborar este trabalho que se fundamenta em cinco emblemas do leão na literatura emblemática, e, para isso, realizamos um rastreamento em livros ibéricos, à busca de escudos e emblemas, sobre o animal heráldico, parte fundante da enciclopédia de saberes do homem europeu que trasladou para as Américas alguns destes emblemas, pegmas, símbolos, nas obras plásticas, bem como, em manifestações religiosas e políticas. “Capítulo importante, aunque muy brevemente tratado por Alciato, es el político” Vallejo in Soria (1975, p.17). Importa dizer que o tratadista também influenciou, com essa ideia política de louvar, através da arte do emblema, o príncipe, dando início ao surgimento de obras como: *Principe Perfecto y Ministros Ajustados, Documentos Políticos y Morales. En Emblemas*, de André Mendo, impresso por Horacio Boissat y George Remeus, no ano de 1653 em Leon de Francia. Essa parece ter sugerido o título da obra: “Príncipe Perfeito. Emblemas”, de Juan de Solórzano Pereira³ de 1662.

Dito isto, podemos confirmar com Vallejo in Soria que Alciato “(...) Sorprende, además, su amplia visión política, desapasionada y universal, tal como la tuvieron dos insignes compatriotas suyos, Maquiavelo y Campanella. En diversos emblemas nos habla de su idea sobre la grandiosa misión de los príncipes” Vallejo in Soria (1975, p.21). E, no tangente às questões da influência dos emblemas, nas artes plásticas, o mesmo autor nos orienta “(...) que una de las primeras representaciones de las Gracias, tal como ha de plasmarlas Rubens, se registra en ediciones de los *Emblemata*” Vallejo in Soria (1975, p. 21).

³ Juan de Solórzano Pereira (1575-1655) consagró su vida a la jurisprudencia y a la política en sus etapas salmantina universitaria, limeña en la Real Audiencia, y madrileña como fiscal de los Consejos de Hacienda, Indias y de Castilla, viendo premiados sus méritos en 1640 con el Hábito de Santiago. En el ocaso de su existencia dio a la estampa su *Emblemata centum*, obra cuya *editio prima* – a la que corresponde el ejemplar conservado en el Fondo Antiguo de la Universidad de Navarra – vio la luz en Madrid en 1653. (...) En suma, es justo reconocer al autor la original idea de componer el primer libro español de emblemas políticos en latin – accesible por ello a los lectores cultos de toda Europa –, conjugando con maestría dos géneros diferentes; el popular de *institutio principis* en imágenes – como Saavedra – y el elitista de los comentarios latinos eruditos – como El Brocense. Zafra e Azanza, (2009 pp.75 e 76). Uma contribuição mais para os que desejam saber maiores detalhes sobre o autor, recomendamos o capítulo VII de Ureña Prieto (1975, pp. 61 e 68): João de Solórzano Pereira: dados bibliográficos.



A prática do uso dos emblemas alastrou-se assim, no campo das artes e em diversas áreas geográficas, por todos os espaços da sociedade ibérica, que, por sua vez, filtrou-se para as colônias; e, como não podia ser diferente, à cidade de São Luís que está toda ela, das pátrias portuguesa, francesa e holandesa, impregnada de imagens, símbolos, hieroglífico, pegma, empresa, insígnia e enigma, em seus casarões, sua poesia, sua arquitetura, compondo um amplo museu de divisas e empresas imaginárias, informantes da presença e das opções do homem europeu, confirmante de que, como lemos em outro trabalho nosso⁴, sob a guarda da “Curadoria de Bens Culturais são destacadas as telas reunidas ao longo da história do extinto Banco do Maranhão (BEM) e a “Coleção de Gravuras Arthur Azevedo”, composta por livros, álbuns e gravuras, sendo que estas vão do século XVI ao XIX e retratam cenas de costumes, mitológicas, paisagens e cenas religiosas”, Rodrigues e Osswald (2018), todas elas herdadas dos nossos colonizadores que, por sua vez, as resgataram de outros homens e culturas. Que herdaram “aspectos das relações sociais, de convivência e de cultura do Brasil com Portugal” Freyre (2010). Posto que,

Volvendo a Ripa, a él principalmente, hemos de reconocer el mérito de incorporar la emblemática al espíritu del barroco. Eco de su imaginación colorista lo hallaremos en el exquisito Marini; en el campo literario, y procedentes de los más dispares emblemistas, encontramos referencias en – por citar a algunos – en Shakespeare, que cita a Alciato, en los eufuistas ingleses y en Camoens, que utiliza temas del maestro italiano en sus Rimas” Vallejo in Soria (1975, p. 21).

Ainda quanto a prática do uso do emblema nas artes, vamos encontrar, segundo a pesquisador Ureña Prieto (1985), também, sua influência na literatura da Antiguidade Grega e latina, sem excluir outros contributos (hispano-árabes e orientais em estreita simbiose com aqueles), bem anterior a esse período; pois a sua presença nestes espaços, levanta questões, como por exemplo, da teoria dos poemas de Homero trazerem complexas relações de poder.

Segundo os exegetas de Homero, filia-se nos seus poemas uma complexa teoria do Poder. Sem partilhar as exegeses alegóricas, por vezes alucinantes e quase sempre forçadas, creio que devemos reconhecer que, pelo menos o perfil do bom rei, ministro do bem comum, desejoso de ser mais amado do que temido, etc., já se desenha nas obras do educador da Grécia (UREÑA PRIETO, 1985, p. 37).

O que nos leva a afirmar que a presença deste episódios não é gratuita ou meramente

⁴ UM TÓPICO DA TRADIÇÃO EMBLEMÁTICA: O LEÃO E A ESTÉTICA DE PERSUASÃO NO PALÁCIO DOS LEÕES EM SÃO LUÍS, CAPITAL DO ESTADO DO MARANHÃO, PATRIMÔNIO DE EMBLEMAS PORTUGUESES, OSSWALD, Cristina e RODRIGUES, Edimilson. Em: periodicoseltronicos.ufma.br/index.php/infinitem/article/view/10222/5954



decorativa do edênico universal do emblema, e que, esse saber não se restringe apenas ao campo do saber político, literário, como afirma a Augusto in Arellano e Pereira (2010).

Acima de tudo, a expressão emblemática na ficção narrativa maneirista e barroca significa uma ampla interligação da arte e literatura, assimilando formas de celebração, desde as festas às exéquias, produzindo páginas de verdadeiro requinte visual e conceptual, onde a imaginação e a fantasia constituem os únicos limites” Augusto in Arellano e Pereira (2010, p. 70).

Desse modo, podemos dizer que o aparecimento, ampliação e divulgação do emblema é, desde a origem, uma questão temática transdisciplinar que, como esclarece Vistarini e Cull (1999, p. 07), era versado por “Poetas, predicadores, escritores y dramaturgos utilizaron con frecuencia emblemas y estructuras de tipo emblemático en sus discursos, sermones y conversaciones, así como en sus textos escritos” Vistarini e Cull (1999, p. 07).

Confirmando assim, que o livro é o repositório primordial de todas essas manifestações como combinação de ilustração e texto porque,

Las empresas o divisas comparten con otras manifestaciones de la emblemática su naturaleza híbrida, pero difieren de las mismas en su finalidad y ciertos aspectos formales, constituyendo un subgénero único con funciones y cometidos propios. Frente a otras ramas de la emblemática, las empresas se definen por la transmisión de mensajes concretos, creados a partir de las necesidades de un emisor particular (...) (LAFUENTE, 2017, 13).

Dialogando com Azanza e Zafra (2000, p. 54) à busca da imagem do leão na arte e arquitetura do homem das Colônias. “El epigrama del jeroglífico sintetiza estas ideas: Aunque al tiempo se rindió/ este león, según centempló,/ la columna no cayó,/ ni la lis, que colocó/ Dios para la flor de su tiempo”. O tempo, a força e o poder são palavras que se enquadram bem no manto de ideias de e sobre o leão como figura que faz parte dos elementos iconográficos das cidades conquistadas pelas dinastias. Como a coluna que não cai, o imaginário do leão continua firme ao longo da história da arte e das ideias sociais. E aqui, na sociedade ludovicense, duas imagens do leão se reproduzem em quatro cada uma, originando oito esculturas para simbolizar e ostentar o prédio do Governo do Estado desde o governo de Magalhaes de Almeida (1926-1929), visto que o próprio governador encomenda à fábrica escocesa Saracen Foudry, oito leões de bronze para serem colocados na parte frontal do Palácio dos leões que, com a mudança definitiva, neste mesmo governo o Palácio do Governo passa a ser chamada de Palácio dos Leões. E desde aí, eles, os leões, desdobram-se no fronteiro da fachada, na lateral e portão de



entrada, sob o muro, na lateral do palácio, próximo ao jardim, “em tensão vertical, (produzindo) um tipo apolíneo, idealista em quem as forças luminosas tendem a reinar inteiramente” Chevalier (199, p.540).

O nosso trabalho de história da arte, se adere a outros temas, visto que a comparação entre obras de artes: os dois leões fundidos e reproduzidos em bronze são o ponto de partida para o diálogo entre as artes (Soureau): escultura, literatura, história e política. Comparativo porque vamos aprofundar os estudos na emblemática ibérica a qual trabalha com a teoria do emblema triplex: uma junção de texto verbal: título e explicação do emblema, também chamado alma do emblema e o corpo, ou seja, a imagem pictórica do emblema.

Esta pesquisa pode, para alguns desconhecedores, ampliando o que já dissemos acima, parecer deslocada por comparar o tema da arquitetura e das artes plásticas distante do tema literário, no entanto, cabe destaque para dizer que, entre os estudiosos do assunto “los libros de emblemas no limitaban su influencia a campos como la iconografía, la oratoria o la propaganda política, sino que incluso podían servir como inspiración de motivos para la poesía” Zafra (2003, p.08). Deste modo, o projeto de pesquisa está intimamente entrelaçado à temática da emblemática e, mais ainda, quando o assunto somar-se-á às questões de poder, política e arquitetura.

A EMBLEMÁTICA DOS LEOES EM *LOS EMBLEMAS DE ALCIATO*

Os trabalhos de pesquisa acerca da emblemática, por importância e influência, tendem a falar da obra cumbre deste gênero *Emblemas* (1531), bem como do seu autor: Andrea Alciato (1492 - 1550) que marcou os Século XVI e XVII. A contribuição deste homem de saber, está ancorada na maior descoberta daquele período, a imprensa; descobrimento importante para a divulgação e socialização do saber do emblema, assim como de todas as áreas do saber humano.

Depois desta breve introdução sobre a importância da obra de Alciato, vejamos alguns significados diretos do étimo leão. Como lemos em Chevalier (1999, p.538): “Poderoso, soberano, símbolo solar e luminoso ao extremo, o leão, *rei dos animais*, está imbuído das qualidades e defeitos inerentes à sua categoria”. Ele é, acima de tudo, a representação e a apresentação do poder, da força, da sabedoria e da justiça.



O animal heráldico está representado em diversos emblemas e escudos de homens de todos os tempos, sempre com o único objetivo; demonstrar poder; quer seja do senhor de terras, quer seja do senhor de Estado, quer seja como representação do Pai ou do mestre, ele surge aliado ao símbolo de poder material e espiritual. A figura do leão representa a majestosa criatura como um “emblema do poder soberano, da força nobre, (...) acoplado ao Sol, o signo e o astro simbolizando a vida em seus aspectos de calor, luz, esplendor, poder e aristocracia radiante” (CHEVALIER, 1999, p. 540).

Por motivo de espaço e reduzida proposta acadêmica, vamos apresentar, algumas écfrases de dois emblemas de Alciato⁵ para aclarar um pouco mais a imagística do emblema.

Que aun los ferocísimos se doman

O primeiro dos emblemas que nos apoiamos para esta análise é o da página 54 cujo lema ou mote é: *Que aun los ferocísimos se doman*. Composto em forma tríplex, o corpo do emblema revela a imagem de um guerreiro meio inclinado, sobre uma carruagem, segurando, na mão esquerda, uma lança, e à frente daquela, dois leões puxando-a. Composto esta imagem, observamos, ainda, do lado esquerdo do guerreiro, um castelo no alto de uma montanha.

⁵ Importa destacar que tais emblemas estão presentes na obra *Enciclopedia Akal de Emblemas Españoles Ilustrados* sob a organização dos pesquisadores Cull e Vistarini (1999), referendada no corpo da bibliografia deste trabalho. No entanto, no que tange aos emblemas do Leão destacamos alguns motes para possíveis pesquisas: *A moro muerto gran lanzada*, *El provecho del daño ageno*, *La vigilancia y la guarda*. Vejamos alguns de Alciato com as páginas de Soria (1975): (p.54) *Que aun los ferocísimos se doman*, Alciato: (p.57) *Qu`el Amor es affecto potentíssimo*, Alciato: (p.112) *A moro muerto gran lanzada*, Alciato: (p. 197) *El provecho del daño ajeno*, Alciato: (p.246) *La vigilancia y la guarda*. E na sequência, todos os autores e motes dos emblemas de leões que aparecem em Vistarini e Cull (1999, pp. 472 e 484): Autor: Ortí (Lema – *Animasque in vulnere ponut*), Autor: Remón (Lema – *In imitatione Redemptor. Dux in itinere*), Autor: Lorea (Lema – *Caeleste auxilio*), Sebastian de Covarrubia y Horozco (Lema – *Imperat ut serviat*), Autor: Saavedra (Lema – *Ut sciat segnare*), Autor: Romaguera (Lema – *Magnitudine cognoscitur*), Autor: Saavedra (Lema – *Siempre el mismo*), Autor: Borja (Lema – *Magnis vana terrent*), Autor: Villava (Lema – *Dum vigilo*), Autor: Lorea (Lema – *A domino virtus*), Autor: SCH (Lema – *Satis est prost(r)asse*), Autor: Borja (Lema – *Sic hostes*), Autor: Alciato (Lema – *El provecho del daño ageno*), Autor: SCH (Lema – *Pervigilant ambo*), Autor: Saavedra (Lema – *Non maiestate securus*), Autor: Saavedra (Lema – *Merces belli*), Autor: SCH (Lema – *No est metuendus Achilles*), Autor: Alciato (Lema – *A moro muerto gran lanzada*), SCH (Lema – *Inconcessa cave (a)*), Autor: SCH (Lema – *Sic pascua divitum paupers*), Autor: Alciato (Lema – *La ira*), Autor: Borja (Lema – *Et dolus et virtus*), Autor: Monforte (Lema – *Agnus, et leo*), Autor: Juan de Horozco e Covarrubias (Lema – *No hay*), Autor: Alciato (Lema – *Que ninguno deve dexarse vencer del tormento*), Autor: Iglesia (Lema – *Thronus Salomonis*).



Vale o destaque para o que aduz o lema, pois este, em diálogo com a *pictura* demonstra que o homem pode, inclusive, domar as criaturas ferozes, invertendo o que conhecemos do texto poético de Camões: “Que é fraqueza entre ovelhas ser leão” (I, 68). Neste caso em epígrafe, os leões são ovelhas, ante a ferocidade do homem que, mesmo os animais mais como os leões são domados pela força bruta, posto ao serviço do ser humano. Podemos afirmar, como dito acima, amparado pelo texto de Camões, que os leões tão temíveis, se tornaram, pela fúria de Antonio, como ilustra parte da *subscriptio*, cheio de insolência, *Uñendo la fiereza del león fuerte*. Mesmo que a imagem seja composta de dois leões, o texto singulariza-o: *león fuerte*. Porém, o destaque vai para o homem que ante a fera selvagem é capaz de torná-la doméstica. Isto porque, ele, como bem lembra Bouzy in Arellano y Vitse (2007, p.117) “El hombre sabio es un caracol: una representación emblemática”. Cujas *subscriptio* em oitava rima é: “Despues que Antonio con la indina muerte/ De Tulio, hizo perderse la elocuencia, / Queriendo sublimar su feliz suerte/ Subió en un carro, lleno de insolencia, / Uñendo la fiereza del león fuerte,/ Por declarar cómo a su violencia/ Dieron lugar los grandes caballeros,/ Hechos a fuerza de armas prisioneros” Soria (1975, 54).

É importante observar como as *pictura* são distintas quando comparamos a edição de Zafra (2003) com a edição de Soria (1975). Naquela obra temos a imagem de um castelo em ruínas do lado esquerdo do soldado, Antonio, sem as demais construções; observamos também, duas pessoas andando ao descampado da paisagem. Na edição de Soria a *pictura* o castelo está compondo uma pequena comunidade, por conter outras construções em seu entorno. Além do carro que naquela *pictura* ostenta um sol que compõe a roda do carro, ausente esse elemento na *pictura* da obra organizada por Soria (1975). Vale o destaque para o que diz o número oito dos aros, da roda de um carro, como bem ilustra Chevalier e Gheerbrant (1999, p. 651) de que “É, muitas vezes, o número dos raios das rodas, desde a rodela celta até a Roda da lei búdica”. Tais elementos estão intimamente colmatadas aos temas, tópicos e materiais conhecidos da época, recriando-os, de modo criativo e surpreendente, cujas imagens dialogam com a poesia, mitos, fabulas, hagiografias, dando maior força expressiva ao emblema.

Qu`el Amor es affecto potentíssimo



A *pictura* deste emblema é muito parecida com a anterior cujo lema é *Que aun los ferocísimos se doman*. Diferindo do condutor do carro que naquele é Antonio que leva na mão um cajado. E neste emblema, também conduzido por dois leões, observamos a presença do ser alado erguendo um chicote de duas tiras. Está este carro num descampado com os leões em estado de repouso, ou seja, com as patas dos leões no chão. Diferente da anterior cujos leões estão com as patas no alto, indicando que estão em movimento. A personagem do Amor, que supomos, segura o chico e as rédeas no alto, demonstrando chicotear os animais. A *subscriptio*: La fuerza del león tiene vencida/ Amor, si no es de amor jamás vencido,/ Que a solo amor ser quiso Amor rendido,/ A quien no ay cosa que no esté rendida.// La rienda en la sinistra assida,/ Y el látigo en la diestra está esculpido:/ Con éste, el apetito es compelido,/ Y la razón de aquélla está oprimida.// ¿Quién terná el corazón al sentimiento/ Tan echo que no tea aqueste fuego,/ En ver dar a un león tan gran tormento?// Dichoso aquel que a tal mal halló luego/ Remedio para echar del pensamiento/La pena de gran desasosiego.

Desse modo, podemos afirmar que os livros de emblemas se transformaram em instrumentos que ampliaram e enriqueceram os discursos dos homens cultos do período do barroco espanhol.

Pois, segundo Maravall (1975, p. 347) “El hombre barroco avanza por la senda de su vivir, cargado de la necesidad problemática, y, en consecuencia, dramática, de atender a sí mismo, a los demás, a la sociedad, a las cosas”.

OS LEOES ATRAVESSAM O ATLÂNTICO (HISTÓRIA DA CHEGADA E CONFECÇÕES DOS LEOES)

O pesquisador é resultado de suas incursões pelo universo da leitura. E da leitura desta afirmação: “Emblemas y empresas fueron también usados para la decoración simbólica de edificios. El emblema ayudó a informar prácticamente todos los modos de la comunicación verbal y visual durante los siglos XVI y XVII” Vistarini e Cull (p. 07), somando-se às seguintes, foram as considerações que nos encorajaram a encarar esta pesquisa sobre os leões do Palácio em diálogo com os dois livros de emblemas, isto porque a pesquisa está consolidada no que entendemos como conteúdo interdisciplinar que emana do texto emblemático.

El emblema, medido de comunicación simbólica, es hoy un tema de investigación interdisciplinaria que abaraca las literaturas neolatinas y vernaculares, las artes



visuales y la cultura material. (...) Es sólo durante los últimos 30 años, con el advenimiento de metodologías interdisciplinarias, que esta forma bimedial ha empezado a recibir la atención debida (VISTARINI e CULL, 1999, p. 07).

Às intenções duais: afugentar o mal, os demônios, e a de trazer prosperidade, acrescenta-se uma terceira, qual seja, demonstrar poder de quem ocupa a casa por eles ornada, e no caso em questão, o Palácio dos Leões na ilha de Upaon-Açu. Cumpre assim, no solo de propriedade portuguesa, ornamento ao trono e à casa de poder do Estado do Maranhão, residência do governante que manda forjar oito leões os quais passam a nominalizar a casa que guarnecem, cumprindo a máxima do lema: *Imperat ut serviat*.

Debray afirma que “Representar é tornar presente o ausente. Portanto, não é somente evocar, mas substituir. Como se a imagem estivesse aí para preencher uma carência, aliviar um desgosto. Da mesma forma, a escultura nasce do desejo de tornar presente o ausente” (DEBRAY, 1993, p. 38).

O importante neste trabalho é a comparação das imagens entre os leões do Palácio do Governo do Maranhão e o emblema 84 de Sebastián Covarrubias Horozco com número 956 da obra de Cull e Vistarini (1999, p. 474) o qual contém o seguinte lema: *Governa para servir (Imperat ut serviat)*. Imagem: Leão coroado com uma pata sobre o globo terrestre, com meio corpo de boi. Esta é pois, uma das imagens do palácio, visto que são dois originais que compõem as oito obras que ornam o Palácio do Governo. Cujo lema: *Imperat ut serviat*. Subscriptio: “¿Qué pensáis que es reynar? Servir muriendo, Los días, y las noches trabajando, y quando vos coméis, o estáis durmiendo, No comer, ni dormir, y estar velando: El Rey parte es león, feroz, y horrendo, De quien el mundo todo está temblando, Y manso buey, del medio cuerpo abajo, Nacido para el yugo, e el trabajo” (CULL e VISTARINI, 1999, p. 474). Comentario: Su materia es lugar común, y por esso no me alarga más.

4.1 SCH Cent. I Emblema 84 e Os Leões do Palácio

Os emblemas do palácio, como já deixamos claro ao longo deste trabalho, são compostos por dois originais. Um deles muito semelhante ao de SCH, o qual segura o Brasão do Estado do Maranhão, com a mesma pata que o de SCH segura o globo, a direita. Já o segundo, mutilado o emblema do Estado para colocar, como sobreposição, o Escudo da



República, o leão segura-o com a pata esquerda. As semelhanças são apenas de postura, pois o leão que segura o globo está coroado e os do Palácio não levam coroa alguma.

Podemos identificar nos dois originais dos leões do Palácio, mais uma representação de hieroglíficos que de emblemas. Os elementos que os compõem estão constituídos somente pela *Pictura*, deixando ausentes o *lema* e a *Subscriptio*. Dizemos que o Brasão do Estado do Maranhão⁶ é o emblema heráldico e constitui-se como um dos símbolos oficiais do Estado. O qual se apresenta, contornado por uma moldura, e um círculo que o divide em quatro partes: as duas partes da direita, estão nas cores verde e amarelo, tais quais as cores da bandeira nacional; as duas da esquerda apresentam, na parte superior, a bandeira maranhense e, na parte inferior, o emblema da instrução: um pergaminho atravessado por uma pena. No caso da escultura, o emblema não apresenta cores, pois foi forjado em alto relevo e está na mesma tonalidade do bronze.

CONCLUSÃO

Acreditamos que a imagem consolida o inexistente, aquilo que não tem mais materialidade, o que está ausente de nós. O emblema do leão é, pois, um substituto. E, no caso, do livro de emblema, uma permanente representação ausente de pesquisas no campo das letras. E, quanto aos leões do Palácio são substitutos da natureza ali imantada em corpo escultórico, representante do poder que se solidifica ao imaginário coletivo, substituto e representante, pelo imaginário, das práticas coletivas do homem português nos trópicos, pois foi ele que – “ligou mais do que ninguém a civilização europeia aos trópicos através de uma obra não apenas intuitiva, mas, em parte, científica: de estudo, previsão e experimentação, e não somente de aventura” (FREYRE, 2010, p. 69).

⁶ “O Brasão Estadual foi criado pelo Decreto nº 58, de 30/12/1905, baixado pelo 1º Vice-Governador em exercício Alexandre Colares Moreira Junior e mantido pela Lei nº 416, de 27/8/1906, sancionada pelo Governador Benedito Pereira Leite. O modelo original traz a assinatura do desenhista Lucílio. O Brasão é composto por uma moldura dourada e um círculo central. No centro há quatro partes que representam a bandeira do Maranhão, as cores do Brasil e a instrução através de uma pena e um pergaminho. A forma do contorno da superfície do escudo será a mesma do escudo da Confederação Suíça e será limitada por molduras de estilo barroco amoldadas ao contorno; o campo do escudo será dividido em quatro partes - duas, em um dos lados, contendo as cores nacionais, verde e amarelo, e duas, do outro lado, contendo, a de cima, a bandeira do Estado reproduzida, e a de baixo o emblema da Instrução no meio de raios de luz; o escudo é encimado por uma coroa de louros e as molduras, ornatos e a coroa são da cor dourada”



Tal experimentação é comprovada pela resultante do leão como emblema de poder herdado do homem português que aqui se aclimatou como figura emblemática de poder. Aquele transplantou para as colônias suas imagens, indumentárias, cores e símbolos, seus mitos e costumes e, dentre um deles, a imagem do leão, que o homem colonizado ludovicense recepcionou para ornamentar e nominalizar a casa do governo com dois originais que se desdobram em oito réplicas, quatro escultura de cada um dos originais.

Ainda que a pesquisa não tenha revelado o teor da numerologia dos oitos leões protegendo a primeira e principal morada da cidade, podemos dizer que

O oito é, universalmente, o número do **equilíbrio cósmico**. É o número das direções cardiais, ao qual acrescenta o das direções intermediárias: o número da rosa-dos-ventos, da Torre dos Ventos ateniense. É, muitas vezes, o número dos raios das roda, desde a rodela celta até a Roda da lei búdica (CHEVALIER e GEERBRANT, 1999, p. 651).

Essas elaborações buscam do passado a imagem de poder dos leões, representando portanto, coisas evanescentes, com as quais mantem, ainda hoje, relação de pertencimento, do que foi similar e significativo no processo de colonização, definindo a enciclopédia de poder que emana da imagem leonina. Tal foi o móbil de nossa investigação, como os emblemas portugueses foram capazes de representar o poder através da imagem do leão, e, no caso da cidade de São Luís, a estatuária os representa em tamanho natural, demonstrando a aparência e opulência visível do ausente, mas que se consolida na realidade externa do palácio; criando, assim, duas metáforas de imagens: a residência é albergue de poder, pela simbologia do Governante que lá a habita e, ao mesmo tempo, de maneira simbólica, as obras de arte traduzem-se como guardiães de um espaço mitificado pelo poder delas mesmas. Ou seja, a imagem determina, ao ser representado, um vínculo profundo entre emblema e escultura. E, ao mesmo tempo, é a representação de uma arma psicológica imantada que colide, segundo as nossas pesquisas, com várias artes.

Isto porque, como dizem os pesquisadores Vistarini e Cull:

El emblema, antes territorio sin dueño, colindante con la literatura y las artes visuales, está en proceso de redescubrimiento y de nueva delineación. (...) Se está aplicando al emblema perspectivas modernas procedentes de la teoría de las comunicaciones, la semiótica y la sociología de la reproducción y de la recepción con el fin de llegar a un mejor entendimiento de su papel en aquella sociedad, y de la interacción entre los emblemas mismos y otras formas culturales (VISTARINI e CULL, p. 07).



Nos livros de emblemas o leão é quase sempre guarnecido de joias, correntes, coroas e outros símbolos, aqui ele está aprisionado por uma arquitetura colonial que confirma esse “está presente”, que o representa e é representado por outros enigmas de poder, pois ele guarnece o edifício que se deixa habitar a cada quatro anos, por novos homens de poder.

BIBLIOGRAFIA

BAXANDAL, Michael. **Padrões de intenção**: a explicação histórica dos quadros. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006.

BURKE, Peter. **Visto y no visto**. El uso de la imagen como documento histórico. Barcelona: Critica, 2005.

BUXÓ, José Pascual. **El resplandor intelectual de las imágenes**: jeroglífica y emblemática. 1994.

CALDERÓN, Demetrio Estébanez. **Breve diccionario de términos literarios**. Madrid: Alianza Editorial, 2015

CAMPOS, Francisco António de Novaes. **Príncipe perfeito – emblemas de D, Joao de Solórzano**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: 1985.

CAVALLO, G, y CHARTIER, Roger. (dirs), **Historia de la lectura en el mundo occidental**. Madrid: Taurus, 1998.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos – Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1999.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente**. Petrópolis, Vozes: 1993.

FREYRE, Gilberto. **O luso e o Trópico: sugestões em torno dos métodos portugueses de integração autóctones e de culturas diferentes da europeia num complexo novo de civilização tropical**. São Paulo: É Realizações, 2010.

FREYRE, Gilberto. **O mundo que o português criou**. São Paulo: É Realizações, 2010

GUBERN, Román. **Dialectos de la imagen**. Madrid: Ediciones Cátedra. 2017.

GUBERN, Román. **Patología de la imagen**. Cataluña; Editorial Anagrama S. A, 2004.

MARAVALL, Jose Antonio. **La cultura del Barroco – Análisis de una estructura histórica**. Barcelona; Editorial Ariel, 1975.





MARTÍNEZ, A., OSUNA, L., INFANTES, V. **Palabras, símbolos, emblemas**. Madrid: Turpin Editores, 2013.

MCKENZE, D. F., **Bibliografía y sociología de los textos**. Madrid, Ediciones Akal, 2005.

PIDAL, Faustino Menéndez. **Leones y Castillos: emblemas heráldicos en España**. Real Academia Española de la Historia, 1999.

POZA, López. **Paisagens emblemáticas: la construcción del de la imagen simbólica en Europa y America**. Tomo I, 2008.

SOTO, Hernando. **Emblemas moralizadas**. Barcelona: José J. Olañeta Editor y Edicions UIB, 2017.

TORRE, Hipólito de la. **Portugal, España y Africa en los últimos cien años: IV Jornadas de Estudios Luso-Españoles**. UNED – Centro Regional de Extremadura: Mérida: 1992.

VISTARINI, Antonio Bernat e CULL, Jonh T. **Enciclopedia Akal de emblemas españoles ilustrados**. Madrid: Ediciones Akal S.A. 1999.

ZAFRA, Rafael. **Los emblemas de Alciato – traducidos en rimas españolas, 1549**. Barcelona: Ediciones UIB, 2003.